



O DESENVOLVIMENTO EM CORUMBATAÍ DO SUL: COOPERATIVISMO, AGRICULTURA FAMILIAR E TURISMO¹

BATISTA, Marinalva do Reis²

MARTINS, Bruna Morante Lacerda³

RESUMO

A proposta desta comunicação, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Meio Ambiente e Ensino da FECILCAM, visa discutir como o cooperativismo articulado com agricultura familiar é vetor para o desenvolvimento do município de Corumbataí do Sul/PR. O município de Corumbataí do Sul localiza-se ao Norte do Estado do Paraná, no contexto da Mesorregião Centro Ocidental Paranaense no Terceiro Planalto entre as coordenadas: 24°03' e 24°10' de latitude sul e 52°03' e 52°14' de longitude oeste. Constatamos que a agricultura familiar e o cooperativismo em Corumbataí do Sul são importantes elementos para o desenvolvimento da economia local, contudo a questão do turismo é mais complexa, somente teria essa possibilidade por meio de implantação de projetos políticos e um trabalho em conjunto com os agricultores. No que concerne a Corumbataí do Sul, percebe-se que é possível desenvolver o turismo em seus diversos segmentos, como ecoturismo, turismo rural e também técnico-científico, já que estamos abordando as cooperativas e suas adjacências técnicas, apresentam-se como atrativos para pesquisadores, agricultores de outras regiões e também de empresas que almejam executar o modelo cooperativista da comunidade de Corumbataí do Sul.

PALAVRAS-CHAVE: Agricultura Familiar; Cooperativismo; Corumbataí do Sul.

ABSTRACT

The purpose of this communication, linked to the Graduate Program in Geography, Environment and Teaching FECILCAM aims to discuss how the cooperative jointed with family farm to the vector for the development of the municipality of South Corumbataí /PR. The municipality of Corumbataí South is located to the north of the state of Paraná, in the context of Meso Center West Paranaense Third Plateau, between the coordinates: 24 ° 03 'and 24 ° 10' south latitude and 52 ° 03 'and 52 ° 14' west longitude . Found that family farms and cooperatives in South Corumbataí are important elements for the development of the local economy of the issue is more complex turissmo only would this possibility through deployment of political projects and work together with farmers. Regarding the Corumbataí South, one realizes that it is possible to develop tourism in its various segments, such as ecotourism, rural tourism and also technical-scientific, since we are dealing with cooperatives and surrounding techniques, present themselves as attractive for researchers, farmers from

¹ EIXO TEMÁTICO: Rede Urbana

² Pós-graduanda em Geografia na UNESPAR/Fecilcam. Email: geografia23@gmail.com

³ Pós-graduanda em Geografia na UNESPAR/Fecilcam. Email: brunamorante@gmail.com



other regions and also companies who aspire to run the cooperative model of community Corumbataí South

Keywords: Agriculture family. Cooperatives. Corumbataí South.

1. INTRODUÇÃO

A agricultura familiar no Brasil vem sendo discutida por muitos estudiosos, muitos deles buscando identificar os motivos dessa modalidade de trabalho no campo estar em declínio em muitas regiões e, ainda tentando encontrar novos seguimentos para o agricultor familiar, como o cooperativismo e os empreendimentos turísticos, para que eles continuem no campo.

De fato, a agricultura familiar e o cooperativismo, aparentemente como temas distintos em muitas regiões, adentram a nossa discussão em conjunto, uma vez que em nosso município em estudo, Corumbataí do Sul, estas duas modalidades de trabalho vem se auxiliando. No município em questão, os incentivos agrícolas propostos pela Cooperativa Agroindustrial de Produtores de Corumbataí do Sul e Região (coaprocor) propicia uma dinâmica diferenciada, pois o incremento da produção de maracujá, uva, laranja, tomate, etc., vindo de produtores familiares ampliam a gama de redes de comercialização destes produtos.

Denardi (2001, p. 57), considera que os empreendimentos familiares têm duas características principais, primeiro são administrados pela própria família e, segundo, a família trabalha diretamente, com ou sem o auxílio de terceiros na época de plantio e colheita. O agricultor familiar, desta forma, é concebido pelo trabalho realizado por ele e toda a sua família, e dentro do contexto familiar do espaço rural é mantida a tradição cultural, uma relação de reciprocidade, logo o que move este trabalho.

O agricultor familiar frente o sistema de produção capitalista, adequou-se aos novos meios de sobrevivência trabalhando a terra com fins lucrativos não apenas para manter-se neste espaço e reproduzir-se como tal, mas para criar e recriar alternativas que lhes permitam manter-se neste espaço frente à inserção da tecnologia, logo a expulsão dos pequenos produtores do campo, pois segundo Tedesco (2001):

que o rural esteja perdendo parte de sua dimensão agrícola: que a família, enquanto unidade moral, de consangüidade e de trabalho esteja se flexibilizando e se abrindo; que haja uma tendência individualização e à



fragmentação espacial de membros; que a hierarquização e a transmissão patrimonial estejam se redefinindo, tudo isso, não dúvida, se faz presente – o que também não é só de agora -, porém nem tudo é fim, nem tudo é linear e evolutivo no sentido de romper com o já vivido e concebido (TEDESCO, 2001, p. 13).

Tedesco (2001) compreende que a classe agricultura familiar não deixou de existir com o linear do tempo e as modificações do espaço, embora tenha perdido partes de suas características, engendrou novas condições para se adequar neste espaço e, portanto, não se extinguiu frente à modernização do campo embutidas por meio da tecnologia advinda dos novos meios econômicos do sistema de produção capitalista.

Observa-se diante disso, que a agricultura familiar é norteadada de pesquisas afins com intuito de melhor compreensão a seu respeito. Partindo deste pressuposto, faz-se preciso uma definição clara e precisa do conceito da agricultura familiar, que de acordo com Denardi (2001) é um processo econômico que gira em torno dos próprios membros da família que detêm os meios equivalentes a produção familiar, podendo ou não conter ajuda de pessoas que não são moradores daquele ambiente familiar. Dessa forma, observa-se que a agricultura familiar é um processo que está envolta do sistema familiar, contendo se preciso, o contrato de demais pessoas na realização deste processo.

De acordo com Pinho (2007, p. 17) o passado cooperativo brasileiro ao período da primeira cooperativa que se tem notícia foi em 1889 (Sociedade Cooperativa Econômica dos Funcionários Públicos de Ribeirão Preto – SP). A partir de 1980 outras categorias cooperativistas expandiram-se rapidamente, especialmente nos centros urbanos. Com o tempo o Ministério da Agricultura foi cedendo apoio com ampla superestrutura cooperativista (PINHO, 2007, p. 14).

A industrialização de 1930 trouxe mudanças no consumo e no abastecimento alimentar. A partir de 1970 o cooperativismo paranaense teve um desenvolvimento intenso e modernização da agricultura (OCEPAR, 1990, p. 39). O cooperado possui capital na cooperativa conforme a sua estrutura, diferente do que ocorre numa empresa capitalista. Pode-se dizer que o cooperado paga pra entrar na empresa e paga para sair dela (BRAGA; REIS, 2005, p. 61).

Segundo Pinho (1977, p. 10) as agropecuárias, artesãos, central de laticínios, cooperativas de pesca ou uma hipercooperativa de agricultores, por exemplo, terão sempre as mesmas discussões sobre os problemas e valores para toda sociedade. O autor acrescenta que



no âmbito cooperativista sempre terão as perguntas: Que bens e que serviços serão produzidos? Com que recursos humanos, materiais e tecnologias? E como serão distribuídos entre os cooperados?

A cooperativa é responsável segundo Ocepar (1990), pela representação na economia estadual com diversidade de cooperativas, ao desenvolvimento da comunidade paranaense e principalmente das populações rurais. Conforme Pinho, (1977, p. 5) a atividade cooperativista busca no lucro a minimização do sofrimento dos seus cooperados pela forma que se apresenta com trocas onerosas, comércio em sentido amplo, moeda e preço.

2.1. A modernização da agricultura e o espaço do pequeno produtor rural na contemporaneidade

No final desta década de 1960 a economia paranaense entra no processo de modernização da agricultura. Nas considerações de Moro (2001, p.97), entende-se por modernização da agricultura o processo pelo qual “na sua dinâmica interna, produz mecanismos capazes de alterar profundamente os componentes sócios espaciais que presidem a organização da estrutura do espaço agrário regional”.

O processo de modernização da agricultura começou a ser implantado no final da década de 1940 com a utilização de novas técnicas agrícolas. E também com as pesquisas em sementes, fertilização do solo, utilização de agrotóxicos e mecanização no campo, que tinham por objetivo o aumento da produtividade. Esse sistema de desenvolvimento se consolidou a partir das décadas de 1960 e 1970 com um grande aumento na produção agrícola dos países em desenvolvimento.

Com as novas técnicas utilizadas se teve um grande aumento na produção agrícola, entretanto a fome no mundo não diminuiu, uma vez que a produção de alimentos foi destinada aos países ricos industrializados em detrimento dos países produtores. Além disso, a modernização no campo causou a alteração da estrutura agrária, pois os pequenos produtores não se adequaram as novas técnicas de produção e não alcançou à produtividade desejada. Isso gerou endividamento dos produtores junto aos bancos devido aos empréstimos para a mecanização das atividades, com isso muitos venderam suas propriedades para outros produtores na tentativa de pagar suas dívidas.



No Brasil a partir da década de 1960 também ocorre à modernização da agricultura. São introduzidas novas técnicas de produção como o uso de maquinários, fertilizantes, agrotóxicos e insumos necessários para o aumento da produtividade agrícola. Com isso houve aumento no tamanho das propriedades rurais devido à valorização do plantio de monoculturas voltadas ao mercado externo, bem como impactos ambientais decorrentes do uso indiscriminado de agrotóxicos entre outros. Novamente as consequências são as mesmas em relação a muitos pequenos produtores rurais que acabam tendo que vender suas propriedades para pagar dívidas, pois não conseguem competir em termos de produtividade com grandes produtores rurais.

Atualmente há uma mudança por uma determinada parcela desses pequenos produtores rurais que estão buscando novos meios de sobreviver. Uma das alternativas foi a de se organizarem em cooperativas visando ajuda mútua para aumentarem a produção por meio de apoio técnico, ter maior poder de negociação no momento da comercialização dos produtos e conseguirem empréstimos junto a instituições financeiras. Outra estratégia ainda tem sido o da diversificação da produção na propriedade que propicia a redução dos riscos e incertezas de uma exploração agrícola, e reduz o impacto econômico pelo surgimento de crises no setor rural, sendo assim pode-se perceber que são muitos os desafios enfrentados por aqueles que não são os detentores do grande capital, mas mesmo assim é possível que estes possam “sobreviver” nesse mundo cada vez mais globalizado e competitivo.

2.2 O caso de Corumbataí do Sul

O município de Corumbataí do Sul localiza-se ao Norte do Estado do Paraná, no contexto da Mesorregião Centro Ocidental Paranaense, no Terceiro Planalto, entre as coordenadas: 24°03' e 24°10' de latitude sul e 52°03' e 52°14' de longitude oeste (FIGURA 01).

Os agricultores familiares da região de Corumbataí do Sul tem sua produtividade alicerçada na cultura do café e, mais recentemente veem trabalhando com outros tipos de culturas, tais como a de maracujá, tomate, morango, dentre outros. Os agricultores desse município que estão ligados à Coaprocor – Cooperativa Agroindustrial de Produtores de



Corumbataí do Sul e Região – são considerados pequenos e médios com extensão da propriedade entre 1 e 20 alqueires de terras.

Os agricultores familiares da região de Corumbataí do Sul considerados pequenos e médios entregam sua produtividade para a Coaprocor. A Cooperativa congrega mais de 460 cooperados, abrangendo também os seguintes Municípios: Barbosa Ferraz, Nova Tebas, Iretama, Godoy Moreira, Arapuã, Quinta do Sol, Peabiru, Prudentópolis, Lidianópolis, Borrazópolis, Jandaia do Sul, além do Município Reserva, fora da região (COAPROCOR, 2012).

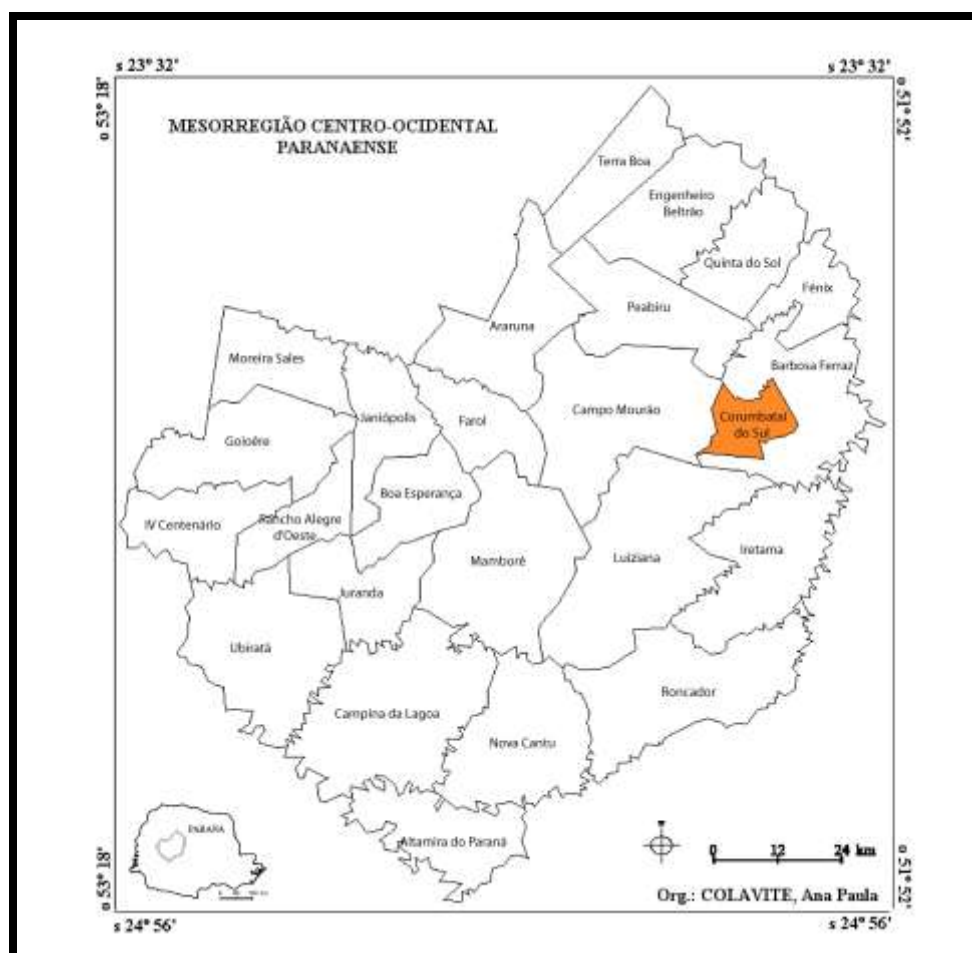


Figura 1: Localização da área de estudo

Fonte: ITGC. Malha Municipal IBG. EMPRABA SRTM;
 Sistema de coordenadas: GCS South American 1969;
 Datum: South American 1969
 Unidades: Graus Decimais.

Em conversa com esses agricultores, pontuou-se que a fonte de renda produzida por eles é o suficiente apenas para permanecer na área rural. A maioria dos agricultores



entrevistados de Corumbataí do Sul trabalha na propriedade em conjunto com a família, contratando meeiros apenas em épocas de safra. Para eles, que a principal dificuldade enfrentada na área rural é o preço das mercadorias, que por sinal não há uma política de preço justo que estimule a prática da agricultura familiar. Os entrevistados mencionaram ainda que a agricultura familiar vai gradualmente se extinguir com o passar do tempo devido à dificuldade da permanência dos jovens no âmbito rural, pois estes saem em busca de um emprego efetivo, já que a permanência do pequeno produtor é a cada ano dificultada pela falta de incentivo público.

Para os agricultores entrevistado, a Coaprocor é um incentivo aos agricultores familiares da região, pois auxilia de forma animadora na invenção de novas estratégias de permanência e desenvolvimento do agricultor familiar, porém o agricultor também reclama que a região que reside não é favorável para o transporte e lazer e que as indústrias das regiões vizinhas vem prejudicando na mão de obra familiar, uma vez que os membros das famílias preferem deslocar-se para outras cidades em busca do trabalho efetivo ao ficar trabalhando no meio rural.

Observa-se que para os agricultores, atualmente o cenário rural é repleto de barreiras, e a manutenção se dá por meio da tradição familiar em trabalhar a terra de acordo com os conhecimentos herdados de pais para filhos, porém mesmo assim o agricultor reclama das dificuldades encontradas referentes ao custo da produção, que é muito alto e que a comercialização do produto no mercado é muito baixa.

Visto isto, é importante compreender a agricultura familiar, pois a mesma é um debate tido por diversos teóricos de várias áreas do conhecimento científico na busca de uma melhor compreensão e definição sobre seu conceito. Portanto, a definição adequada de agricultura familiar é aquela que na maioria das vezes ainda não possui equipamentos tecnológicos para trabalhar a terra, bem como, os membros da família auxiliam no processo deste dentro do lar até no espaço referente à produção.

Sendo assim, o trabalho familiar gradalmente vem incorporando aos preceitos do sistema econômico de produção capitalista, no qual para inserir-se como tal é preciso a comercialização da produção, seja ela industrializada no próprio espaço rural ou destinada à venda em agropecuárias ou cooperativas que realizam este processo.



2.2 Agricultura familiar, o cooperativismo e o fomento turístico em Corumbataí do Sul

No início dos anos de 1970, prevaleceu o paradigma desenvolvimentista na qual o desenvolvimento estava atrelado ao crescimento econômico. Durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano, realizada em Estocolmo em 1972, o paradigma desenvolvimentista foi reivindicado dando espaço para as discussões sobre o ecodesenvolvimento, onde nos anos de 1980 foi substituído pelo termo desenvolvimento sustentável. Mas, afinal o que é desenvolvimento? E o que significa seus adjetivos nominais?

A noção de desenvolvimento abarca visões distintas de pensamento, desta forma, autores sinalizam o desenvolvimento como uma forma de liberdade de fazer escolhas. Outros apontam a mudança do termo de desenvolvimento para uma política da humanidade, “[...] proposta em substituição às do desenvolvimento serviria para construir, proteger e controlar os bens planetários comuns, o que requereria uma governança mundial” (HESPANHOL, 2007, p.187). A relevância em investir na manutenção do pequeno produtor rural parte ao corrobora com a responsabilidade ambiental, já que existe a necessidade de investimentos de sistemas menos agressivos ao meio ambiente.

Nesta esteira, o enfoque para o turismo contribuirá no incremento da renda para os pequenos produtores rurais, sendo assim, o turismo é considerado como fenômeno proveniente da sociedade capitalista, onde se agrega valores sociais, históricos, econômicos aos lugares e do mesmo modo se atribui o desejo de conhecer o desconhecido. Este segmento tem se destacado quantitativamente entre os setores da economia mundial. No entanto, o turismo ultimamente tem assumido um papel importante entre os debates de desenvolvimento, pois este se configura com vetor de atratividade para o espaço passando de valor de uso para o valor de troca da espacialização.

Segundo Moesch (2002, p.15), “[...] o turismo é o processo humano, ultrapassa o entendimento como função de um sistema econômico.” Sendo assim, o turismo passa a ser uma atividade que englobam vários atores no seu processo, que visa entender o comportamento social dos envolvidos. Salientando ainda que, a economia faz parte do seu processo, mas não como forma de exploração do esforço humano. No que se trata dos pequenos produtores rurais, apontamos como parte elementar e que participa do desenvolvimento do processo nos espaços ditos rurais. Desta forma, o aproveitamento das



propriedades rurais para o fomento do turismo auxilia no incremento da renda e também da valorização do espaço.

No que concerne a Corumbataí do Sul, percebe-se que é possível desenvolver o turismo em seus diversos segmentos, como ecoturismo, turismo rural e também técnico-científico, já que estamos abordando as cooperativas e suas adjacências técnicas, apresentam-se como atrativos para pesquisadores, agricultores de outras regiões e também de empresas que almejam executar o modelo cooperativista da comunidade de Corumbataí do Sul.

Todavia, “o desenvolvimento local está associado, normalmente, a iniciativas inovadoras e mobilizadoras da coletividade, articulando as potencialidades locais nas condições dadas pelo contexto” (LEONELLO; COSSAC, 2008, p.6). Sendo assim, é necessário que os membros constituintes da Coaprocor almejem o fomento do turismo para localidade, desta forma, é relevante a união dos interessados em desenvolver este segmento na localidade. Já que alguns estudos afirmam que as condições econômicas da cidade em questão não são as promissoras, no entanto:

[...] a atividade agroindustrial de pequeno porte encontra-se em expansão como alternativa importante de geração de renda em pequenos municípios ligados à agricultura familiar, pois além de agregar valor aos produtos agrícolas, gera novas aprendizagens de comercialização e diversificação das estratégias econômicas das famílias (SOUZA; PONTILI; LEONELLO, 2010, p.11).

Estes autores complementam que as atividades desenvolvidas no município de Corumbataí do Sul contribuem para melhoria econômica e também podem ampliar outras ações para o aumento da renda familiar. Nessa esteira, é importante enfatizar a precisão do incremento do turismo nos planos de estratégias da cooperativa para então fomentarem a atividade de forma organizada e como gerador de renda para agricultura familiar e para o cooperativismo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos que a agricultura familiar e o cooperativismo em Corumbataí do Sul são importantes elementos para o desenvolvimento da economia local e que a questão do turismo



é mais complexa, pois somente haveria esta possibilidade através da implantação de projetos políticos e um trabalho em conjunto com os agricultores.

Através das entrevistas com os produtores rurais que são cooperados, pontuou-se que a fonte de renda produzida por eles é o suficiente apenas para permanecer na área rural, sendo que a principal cultura entre os mesmos é a cafeeira.

Em um segundo momento, foi tratado sobre a modernização da agricultura e o espaço do pequeno produtor rural no século XXI. Neste sentido, a cultura do café prosperou até a década de 1960, onde o governo passou a desestimular a cafeicultura e direcionando-se à modernização da agricultura iniciou a política de estímulo para a cultura de oleaginosas, mais precisamente o trigo e a soja. Desta forma, constata-se que existe a necessidade de programar outras culturas no solo, para tanto, houve o incentivo para mecanização da agricultura com vistas a explorar o solo e também promover a introdução de novas culturas. É neste ponto que a Coaprocor possui seu diferencial com a produção de culturas diversas.

E, estudando formas de incrementar a renda do produtor familiar e também a cooperativa de Corumbataí Sul, apresentamos como viabilidade o desenvolvimento do turismo rural, ecoturismo e técnico-científico para a cidade. Para tanto, faz-se necessária a discussão de estratégias e planos que almejem o fomento do turismo adjunto com a política cooperativista da comunidade.

Portanto, neste trabalho preocupou-se em discutir as problemáticas da agricultura familiar adjunto com cooperativismo demonstrando como experiência prática a visita técnica realizada na Coaprocor. Cabe salientar o anseio para o aprofundamento das discussões suscitadas acima como contribuição à comunidade acadêmica e para evidenciar a necessidade de discutir o espaço agrário como fim e não como meio para arrancar do solo as fontes para servir a perversidade dos atores hegemônicos do sistema capitalista.

REFERÊNCIAS

BRAGA, M. J.; REIS, B. S. **Agronegócio cooperativo**: reestrutura e estratégias. Viçosa: UFV, 2005.



COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL DE PRODUTORES DE CORUMBATAÍ DO SUL E REGIÃO (COAPROCOR). Institucional. Disponível em:

<<http://www.coaprocor.com.br/institucional.php>>. Acesso em 14/09/2012.

DENARDI, R. A. **Agricultura familiar e políticas públicas**: alguns dilemas e desafios para o desenvolvimento rural sustentável. Porto alegre: 2001. p. 56-62. Disponível em: <http://www.emater.tche.br/docs/agroeco/revista/ano2_n3/revista_agroecologia_ano2_num3_parte12_artigo.pdf>. Acesso em: 22/05/2012.

HESPANHOL, A. Agricultura, desenvolvimento e sustentabilidade. In: MARAFON, Gláucio José; RUA, João; RIBEIRO, Miguel Ângelo (orgs.). **Abordagens teórico-metodológica em geografia agrária**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007, p.179-198.

LEONELLO, J. COSAC, C. O associativismo como alternativa de desenvolvimento local e sustentabilidade social. In: **Anais do VI Seminário do Trabalho**: trabalho, economia e educação no século XXI. Marília: UNESP, 2008.

MOESCH, M. M. Para além das disciplinas: o desafio do próximo século. In: GASTAL, Susana (org.). **Turismo investigação e crítica**. São Paulo: Contexto, 2002, p. 25-44.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO ESTADO DO PARANÁ – OCEPAR. **Cooperativismo & Agroindústria no Paraná**. 2º Edição. Série Cooperativismo 7. Curitiba: 1990.

PINHO, D. B. **As cooperativas no desenvolvimento do Brasil**: passado, presente e futuro – tentativa de síntese. São Paulo: Saraiva, 2007.

_____. **Economia e cooperativismo**. São Paulo: Saraiva, 1977.

SOUZA, É. L.; PONTILI, R.; LEONELLO, J. C. Aspectos econômicos da produção agrícola de Corumbataí do Sul e sua relação com o desenvolvimento do município. In: **Anais do V Encontro de Produção Científica e Tecnológica**. Campo Mourão: FECILCAM/NUPEM, 2010.

TEDESCO, J.C. **Agricultura familiar**: realidades e perspectivas. Passo Fundo: EDIUPF, 2001.